

**A Formação pela
interdisciplinaridade
na Educação da
Sociedade
Globalizada**

**Fernanda Maria
Gomes da Costa
Teixeira Marques**

Licenciada em
Enfermagem
Especialista em Saúde
Materna e Obstétrica
Mestre em Ciências de
Enfermagem
Doutoranda do
Doctorado en Didáctica
y Organización Escolar
Da Universidad de
Sevilla (protocolo com
a Universidade
Moderna de Lisboa)

O último quartel do século XX fica historicamente marcado por grandes mudanças quer económicas como políticas a nível mundial. O conhecimento ‘era’ sinónimo de poder, quem o tinha ‘era’ diferenciado dos demais.

Tem decorrido um grande desenvolvimento científico e tecnológico que deu nome à ‘actual’ era da Tecnologia, em substituição, paulatinamente, da denominada Era Industrial. Este facto, articulado com as demais outras causas de ordem económica e política, têm cooperado para uma desorganização da sociedade dita industrializada, do relacionamento entre os homens e conseqüentemente destes para com os produtos que fabricam.

As relações tradicionais entre o Estado, o mercado e a sociedade encontram-se comprometidas. Assiste-se ao emergir de um novo ‘*design*’ do universo institucional e das práticas sociais e políticas.

O conhecimento é o ‘recurso’ por excelência numa sociedade em processo de globalização (Drucker:2001).

A presente presença de novas técnicas de informação e comunicação, do novo padrão tecnológico, foi consequência de haver capacidade económica que permitiu investimentos na investigação/procura de novos produtos e serviços cada vez mais aprimorados com características mais competitivas, regrados por distinguis tecnológicos e de excelente qualidade.

Através da utilização tecnológica dos meios de informação e comunicação as pessoas tem tido acesso rápido ao conhecimento, a saberes que lhes permitem ter novos saberes baseados nos resultados de investigação e do estudo da evidência da ocorrência dos fenómenos estudados, para além de poderem fundamentar o seu pensamento analítico, crítico e reflexivo.

A informação constitui, em conjunto, o produto de consumo, o bem essencial e o recurso decisivo para a viabilização do desenvolvimento da acção e de todos os processos sociais. Aristóteles mencionou que a procura de saber, de conhecimento, o fez inquirir sobre a razão de ser das coisas, o que é próprio da natureza humana. Tem sido este é o *caminho* que se tem feito a procura da justificação científica dos fenómenos estudados.

Os acontecimentos que ocorrem em todo o mundo sabem-se em todo o mundo, muitas vezes em directo e com imagens. Para quem vê é como se estivesse presente, dentro do contexto anunciado, fica conectado com a urgência de saber mais e mais detalhadamente, segue as premissas *do caminho*.

O conhecimento da tecnologia já não é pertença a um grupo restrito, a uma elite, agora qualquer pessoa, desde que tenha o material tecnológico necessário e que saiba manuseá-lo está conectado ao mundo. Perante este contexto é essencial que a informação e o conhecimento possam nascer sem influências ou impedimentos, dando origem a uma produção de saberes de colectivo que resulte na base produtiva de novos estudos, conseqüentemente novas maneiras de organizar a produção e as sociedades. Assiste-se ao poder das tecnologias, vive-se a Revolução Tecnológica e assiste-se à decadência da Era Industrial. Habita-se um mundo tecnológico, uma nova realidade, que tende para a constituição de uma sociedade tecnologia assente nos pilares da informação/conhecimento, tendencialmente para a aproximação da globalização do mundo.

É na cultura de um povo que se verificam as maiores alterações dado que os tradicionais valores que orientam as relações humanas, o convívio social passam a ter o cariz virtual, descurando a relação

humana, presencial, onde estão outros valores como o gesto, o toque, o odor, a observação, (...) a envolvente física do ambiente.

A globalização trás novos paradigmas sociais, assim como a cisão da visão cartesiana dos saberes e tradução da realidade.

No sector da educação o novo paradigma contém a concepção de que perante um mundo baseado no conceito do global, o conhecimento e a informação não encontram obstáculos para todas as dimensões da existência humana.

Em 1996 Edgar Morin, autor de referência na área da educação, no seu livro sobre a epistemologia da complexidade, apresenta o novo paradigma da educação como resultado de um universo em que tudo é realizado de forma sistematizada com pensamento positivo, assinalado pelo processo de separação, segmentação e ordenamento da realidade e que uma nova ciência tem que ser capaz de emergir de forma a superar esta herança histórico-cultural.

O novo padrão científico e tecnológico que está na base do desenho das concepções e dos modelos de educação deriva das imposições experimentadas pela vivência do capitalismo, a crise de todo o sistema fortalecida pela questão do termines da sociedade trabalhadora.

Segundo Santomé (1998:27) *“O mundo em que vivemos já é um mundo global, no qual tudo está relacionado, tanto nacional como internacionalmente; um mundo onde as dimensões financeiras, culturais, políticas, ambientais, científicas, etc., são interdependentes, e onde nenhum de tais aspectos pode ser compreendido de maneira adequada à margem dos demais. Qualquer tomada de decisão em algum desses sectores deve implicar uma reflexão sobre as repercussões e efeitos colaterais que cada um provocará nos âmbitos restantes. Também devem ser calibradas as limitações e as*

consequências que surgirão ao levar em consideração informações ligadas a áreas diferentes das já consideradas

Num mundo globalizado tecnologicamente desenvolvido em constantes mudanças torna-se importante a visão de pessoas, profissionais especializados, que dominem as suas áreas de competência específica, mas que associado consigam ver o restante do todo e interrelacioná-lo com a sua área de saberes de excelência na sua área profissional particular.

A educação, no particular a escola como campo operacional é o espaço favorecido, logo eleito, para a produção e disseminação do novo, do concebido que promova uma relação saudável da pessoa para com si mesma e para com os outros, seus pares (alterações sociais), particularmente através da aquisição e desenvolvimento de conhecimentos e competências técnicas, individuais e personalizadas

Na área da didáctica é importante haver a consciência da construção dos currícula com base na visão globalizada, tendo presente a pessoa (humanismo) a quem é dirigido; o estudante, a interdisciplinaridade, as novas metodologias de ensino (inovadoras, dinamizadoras da sala de aula e também assentes nas tecnologias recentes), docentes qualificados (qualidade), objectivando a excelência no atributo do produto final – pessoa habilitada, com o perfil adequado à formação requerida, estabelecida por humanismo, inovação e qualidade. Uma escola em que o estudante está disposto a aprender e que celebra o seu contrato de aprendizagem através da sua dedicação envolvimento nos conteúdos programáticos sugeridos sem o impedimento tradicional colocado pelas limitações de tempo e de espaço típicas da escola formal de cariz presencial.

A figura de um mundo globalizado do trabalho objectiva que através da educação se forme uma mão de obra qualificada, competente, cuja base de sustentação seja uma formação interdisciplinar associada às novas dinâmicas organizacionais das instituições do trabalho e da produção que resultam da acumulação maleável de capitais. O objectivo visado pode ser também puramente político, nomeadamente o que visa a mudança das condições socioeconómicas cada vez mais viciosa para a pluralidade da população, e que representa as pessoas que entendem o mundo e as suas problemáticas de uma forma global sem fragmentações, interrelacionada, interdisciplinar das problemáticas quer políticas, quer económicas, sociais, culturais e tecnológicas que estão a vivenciar.

Pierre Lévy (1993:72) ao abordar as relações humanas menciona que *“trabalhar, viver, conversar fraternalmente com outros seres, cruzar um pouco por sua história, isto significa, entre outras coisas, construir uma bagagem de referências e associações comuns, uma rede hipertextual unificada, um contexto, compartilhado, capaz de diminuir os riscos de incompreensão”*. O mundo contemporâneo está conectado em tempo real, aconteça o que acontecer, sejam acontecimentos mundiais ou locais influenciam o nosso quotidiano e repercutem-se na arquitectura mundial global.

O mundo em rede reverte num mundo global sempre interligado. Em rede e associado às novas tecnologias de informação e comunicação as pessoas ficam conectadas, ao mundo da técnica e ao mundo da consciência, ao que é humano e ao que não o é, e através delas circulam as informações, as imagens, de poder e ideológicas para além dos fluxos de saberes e competências.

Acredita-se que uma formação interdisciplinar é uma das facetas que a sociedade que propende a globalização deve seguir, pode dar subsídios para defrontar as problemáticas que angustiam a humanidade, mormente a educação, a saúde, a habitação, o ambiente, a exploração de seres humanos, as desigualdades sociais, o desemprego, a pobreza, a fome, ...

As deduções de uma formação interdisciplinar é a compreensão evidente da realidade, é a resolução das problemáticas através da compreensão do que se faz, se pensa e se sente. Esta formação faz com que os seus formandos (ou formados) interpretem, questionem e não apenas assimilem, construam e não apenas reproduzam.

Como Dosse (2003:403) refere, com uma formação interdisciplinar saímos “*da rotinização e das falsas garantias com que se enfeitam as disciplinas*”, assim domina-se os conceitos pobres e mutiladores, provenientes de uma formação disciplinar assente no ensino segmentado. A formação interdisciplinar baseada numa inter relação, possibilita a constituição de laços de confluência, de transgressão das fronteiras tradicionais possibilitando a articulação (multidisciplinar) em várias dimensões dos saberes fragmentados.

A acção interdisciplinar na escola/universidade depende de mudanças radicais nestas instituições. É uma problemática de ordem económica, sócio-cultural, pedagógica e predominantemente política, pois as instituições educacionais que dão atenção a atitudes dispersas só sofrerão o ‘feedback’ quando o trabalho interdisciplinar ganhar força para interferir, e conseguir abranger influência política.

A efectivação da interdisciplinaridade depende de vários factores, nomeadamente de humildade, observação acurada e reflectida antes da acção, com capacidade de crítica construtiva, com empenhamento e

compromisso assumido, com trabalho efectivo dos elementos, incluindo o seu desenvolvimento laboral, com o trabalho em equipa visando a relação de ajuda e o atingir de um objectivo que é delineado e comum a todos os envolvidos.

Algumas instituições criaram estigmas ao longo do tempo devido ao seu cariz de rigidez funcional e organizacional, estas parecem estar em situação de irreparabilidade o que faz alimentar mais a corrente de que são avessas a processos de mudança.

Como a educação por interdisciplinaridade exige mudanças profundas e radicais e a aceitação do novo é condição necessária para a sua efectivação, logo a mesma é identificada como uma ameaça, nunca como uma oportunidade.

Se uma mudança global radical, quase que milagrosa, é simplesmente impossível e se as tecnologias podem ser utilizadas de forma não coerente e abusiva sem ser abrangente, universal, sem ser acessível a todos, então o sonho de uma educação globalizada não é exequível e está-se perante a uma decadência progressiva. Este quadro não pode ser mais do que uma fase anexa ao processo de consciencialização da problemática vivida na educação e na preparação para a abertura de um novo paradigma com espaço hegemónico ao interdisciplinar.

O conhecimento revela-se como sendo o recurso, por excelência, de uma sociedade em processo de globalização, numa sociedade de informação em que todos podem usufruir da possibilidade de aquisição e desenvolvimento de saberes, todos e não só uns (elite).

Contudo há que efectuar uma observação holística dos efeitos do facto processual da globalização pois estes não são idênticos, nem globais ou invariavelmente benéficos para os sujeitos envolvidos, conseqüentemente para as comunidades, sociedades, país/es... isto por

ser sabido que ter acesso à informação é um recurso supremo e pode ser utilizado no sentido de aumentar a riqueza e produtividade quando efectivamente se acede e aplica os saberes apreendidos, competências desenvolvidas. Concomitantemente é necessário não descurar o enorme ‘buraco’ da informação que nos é contemporâneo e que separa os que têm acesso às novas tecnologias daqueles que não têm essa possibilidade. Este facto leva-nos a reconhecer que a revolução para a globalização da informação pode estar a fomentar o aumento do tamanho do designado ‘buraco’ de riqueza no mundo.

A instabilidade que é induzida pelo movimento contínuo dos fluxos de informação, ideias, pessoas e factores de produção, permite caracterizar o novo sistema económico e global como Anderson (2001:103) cita *‘altamente dinâmico, altamente marginalizador e altamente instável nas suas fronteiras’*.

Todas as instituições educacionais estão envolvidas mas a especificidade das do ensino superior são as que se encontram mais visadas na concepção, desenvolvimento e circulação dos novos conhecimentos. Para que estas respondam às novas solicitações paulatinamente impostos de criação e circulação de conhecimentos, necessitam de contributos diversificados para poderem ser inovadores e com uma abordagem não só utilitarista como cultural. Assim o desenvolvimento institucional deve assentar no conhecimento produzido num contexto de aplicação com uma abordagem transdisciplinar, com capacidades mais maleáveis, heterogéneas. Visa-se uma organização dinâmica, flexível de carácter de mudança, um ensino mais responsável e reflexivo.

Através da interdisciplinaridade recebe contributos multidisciplinares, diversificados mas complementares uns dos outros.

O desenvolvimento da prática da interdisciplinaridade nos currículos escolares não é o suficiente para que na realidade ela exista, dado que é na acção na aplicabilidade da sua filosofia que se pode verificar o seu fruto nos estudantes formados. Esta implementação deve estar também interiorizada pelo corpo docente que é a peça fundamental para o seu dinamismo uma vez que são eles que podem e devem estimular a multidisciplinaridade e a interligação entre as unidades curriculares e as temáticas que nelas são abordadas. Assim sendo os estudantes são o veículo transportador dos conhecimentos que pesquisaram que quiseram e se mostraram disponíveis para aprender. Está-se em fase de mudança de mentalidades e quer nos docentes quer nos estudantes devem estar de mente e vontade receptivas a novas metodologias e condutas a seguir.

Por outro lado temos a cada vez mais promovida mobilidade dos estudantes e dos seus professores no programa ERASMUS que reside na permuta destes entre instituições com o mesmo cariz educativo/curso e com permuta através do sistema de ECTS, contabilização das horas das Unidades Curriculares e a sua identificação com o n.º de créditos inerente. Assim o estudante pode realizar a sua aprendizagem numa determinada Unidade Curricular numa instituição de outro país da Comunidade Europeia e usufruir de toda a diversidade encontrada/desenvolvida aquando da sua realização. A criação deste espaço europeu do ensino superior, que promove o emprego e a mobilidade na Europa assim como a competitividade internacional e a atracção do ensino superior europeu no mundo provêm da Declaração de Bolonha de Maio de 1998. A declaração promove um “quadro comum de referência para as qualificações”, este deve servir de referência comum. Ela refere-se

essencialmente a qualificações não a instituições, o que é importante não é onde a qualificação foi obtida mas sim a competência que foi adquirida/desenvolvida. A sua essência reside em lidar com toda a clareza com a diversidade, sem esconder ou reduzir as diferenças.

A reorganização do mundo para um mundo globalizado está a gerar grandes mudanças, desorganizações, que se reflectem em tudo e em todos, principalmente no modo de vida das pessoas, da sua maneira de pensar e sentir a vida no seu quotidiano. Com a segunda guerra mundial tivemos a revolução industrial e houve a conversão do trabalho num trabalho mais justo e assalariado, nos dias de hoje, nesta guerra diferente está-se a viver o fim deste e verificando uma convergência evolutiva da ciência e da tecnologia em energias, elas produtivas, o que trás imensos desafios para o procedimento de formação e educação da humanidade.

Bibliografia:

- ANDERSON, Walter Truett (2001). **O Planeta da Informação e a Política Global de Risco” in Globalização, Desenvolvimento e Equidade.** Lisboa. Fundamentação Calouste Gulbenkian. Publicações Dom Quixote. Pp. 191-206.
- BENTO, António J. F. Et al. (2002). **Transformações Sociais e Dilemas da Globalização.** São Paulo. Cortez Editora.
- DOSSE, François. (2003). **O Império do sentido - a humanização das ciências humanas.** Trad. De Ilka Stern Cohen. São Paulo: EDUSC
- DRUCKER, Peter. F. (2001). **O melhor de Peter I Drucker**, 3º vols. São Paulo. Editora Nobel.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. (1999). **Educação e crise do capitalismo real.** Cortez Editora, 3º Edição.
- GONÇALVES, Jorge Jardim. (2002). **Os Desafios da Globalização.** Lisboa . Coleção Cadernos de Economia. Ano XVI, n.º 61.
- LEVY, PIERRE. (1993). **As tecnologias da inteligência o futuro pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro. Ed.34.
- MILHEIRO, Guilherme. Et al. (2007). **Cidadania uma Visão para Portugal.** Lisboa. Gradiva.
- MORIN, Edgar. (1996). **O Problema Epistemológico da complexidade.** 2ª Edição. Lisboa Europa-América.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. (1998). **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado.** Porto Alegre: Artes Médicas.
- TRISTANY, Fernando. (2007). **Globalização: oportunidade ou ameaça?** São Paulo. Edições 4for.